

BLAISE PASCAL: DESEJO E DIVERTIMENTO COMO FUGA DE SI MESMO NA ANTROPOLOGIA PASCALIANA

BLAISE PASCAL: DESIRE AND ENTERTAINMENT AS A WAY OF ESCAPING ONESELF IN PASCAL ANTHROPOLOGY

Arlindo Nascimento Rocha¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo trazer à tona e refletir sobre os conceitos pascalianos de *desejo* e *divertimento* como categorias antropológicas, que nos ajuda a entender melhor a necessidade (*desejo*) e a busca permanente pela agitação (*divertimento*) como marcas do desvio da nossa condição insustentável. Pascal interpreta o *divertimento* como manobras para desviar o pensamento das nossas misérias existenciais, das nossas múltiplas insuficiências, da nossa incapacidade de nos manter em repouso, mas também podemos interpretá-lo como sendo uma condição essencial do homem que impede o acesso ao momento e à eternidade. Portanto, se há um conceito que Blaise Pascal reinventou de forma original, é o divertimento, visto como todos os estratagemas usados pelo homem visando à fuga de si mesmo. Esta condição de insatisfação dos nossos desejos e da eterna procura pelo divertimento é precisamente a contingência da nossa existência inautêntica e miserável.

Palavras-chave: desejo; divertimento; misérias existenciais; condição insustentável; insatisfação.

Abstract: This article aims to bring to light and reflect on the Pascalian concepts of desire and distraction as anthropological ways, which help us to better understand the need (desire) and the permanent search for excitement (fun) as indications of our drifting away from things we find intolerable. Pascal interprets entertainment as means to divert our thoughts about our existential miseries, our multiple inadequacies, our inability to rest. We can also interpret it as an essential condition of men that prevents awareness of the moment and eternity. Thus, if there is a concept that Blaise Pascal has reinvented in an original way, it is distraction, considered as all the tricks used by men to escape from himself. This condition of dissatisfaction of our unfulfilled desires and the constant search for distraction is precisely the contingency of our inauthentic and miserable existence.

Keywords: desire; distraction; existential miseries; unsustainable condition; dissatisfaction.

Artigo submetido em 02/02/2017. Aprovado em 07/03/2017.

¹ Mestrando em Ciência da Religião, Pós-Graduado em Administração, Supervisão e Orientação Pedagógica, Licenciado em Filosofia. arlindonascimentorocha@gmail.com

Introdução

Mais do que um escritor e filósofo, Blaise Pascal (1623—1662) é considerado o homem mais representativo da França de seu tempo. Ele é considerado como gênio em todas as dimensões: físico, matemático, filósofo, teólogo, polemista fulgurante, defensor do cristianismo, espírito observador e perspicaz, atento e preocupado com os problemas emergentes de sua época, atento a todas as pequenas coisas da natureza, do tempo, do espaço, estudioso das grandes descobertas dos cientistas que o antecederam em todos os tempos, guiado por uma mente inquieta que questiona todas as possibilidades de estabelecer uma razão suficiente que dê conta e explique racionalmente tudo o que nos rodeia e nos transcende. Pascal é muitas vezes comparado com as grandes figuras da cultura universal. De acordo com Jacques Attali, “o que Platão é para Grécia, Dante para Itália, Cervantes ou Santa Teresa para a Espanha, Shakespeare para Grã-Bretanha, Pascal é para a França”.

Filho de Étienne Pascal e Antoinette Begon, Blaise Pascal nasceu em Clermont-Ferrand, França, no dia 19 de junho de 1623 e faleceu em 19 de agosto de 1662. Toda a vida de Pascal é tida como um grande exemplo de sofrimento de resignação e de piedade. Morreu com trinta e nove anos e suas últimas palavras foram: “que Deus jamais me abandone”. Inicialmente, sua instrução e educação foi assumida integralmente pelo seu pai que lhe ensinou principalmente línguas e, posteriormente, ciências exatas. Sua obra mais importante foi escrita pouco antes de sua morte em defesa (apologia) do cristianismo e publicada sob o título *Pensamentos*, conferido pelos editores que publicaram o texto após a sua morte. Toma-se como edição mais importante a de 1670, que já aparece com a indicação da segunda edição, porque no ano anterior havia sido publicada a primeira, mas com pequena tiragem e restrição ao seu conteúdo.

Não há dúvidas de que Pascal foi realmente um apologeta, que soube compreender o drama de sua época e a tragédia vivida pelos homens. Sua apologia propõe métodos e conteúdos atuais, porque dirige diretamente ao coração do homem, lá onde cada um se sente amado e provocado. Convertido ao jansenismo, participou nas querelas teológicas de sua época, mas seu maior legado foi sua apologia ao cristianismo como verdadeira religião.

O encontro entre Pascal e o jansenismo foi muito importante na sua trajetória, pois, em decorrência dessa experiência religiosa, ele começou a escrever uma obra, cujo objetivo

era fazer uma apologia da religião cristã. Infelizmente essa obra não foi concluída em função da sua morte prematura aos 39 anos. Entretanto, logo após sua morte, começou-se uma intensa tarefa de organizar os papéis (catalogar, reorganizar e retocar), sendo publicado sob o título *Pensées* (“Pensamentos”), cuja primeira edição foi publicada em 1670 e ficou conhecida como a edição de Port-Royal.

Assim sendo, tudo o que sabemos dessa monumental obra passou pela aprovação ulterior dos que tiveram a responsabilidade de lhe dar um trato fino, excluindo o que pudesse prejudicar a imagem do apologeta, deixando só o que mais beneficiava sua imagem, pois a controvérsia entre os jansenistas, corrente religiosa abraçada por Pascal, e os jesuítas era ainda um assunto muito recente. Por isso, os editores fizeram de tudo para que essa controvérsia não tivesse novos desdobramentos.

A obra *Pensamentos* de Pascal é um dos poucos textos do século XVII que possuímos os manuscritos originais. Isso ocorre porque o trabalho ficou inacabado devido à morte prematura de Pascal.² De acordo com Edgar Morin (2014), em sua obra *Meus Filósofos*:

O pensamento dos *Pensamentos* de Pascal inscreve-se no entrecruzamento de uma cultura europeia que, desde a Renascença, opõe fé e dúvida, razão e religião. No seio da cultura europeia, a cultura francesa foi aquela em que o debate/combate entre essas diversas instâncias se conduziu de maneira mais radical, e Pascal foi aquele que incluiu em seu próprio espírito esse combate que se opõe os espíritos na França. Em lugar de enxergar a fé, a dúvida, a razão, a religião como instâncias inimigas e naturalmente exclusivas, identificou nela elementos conflituosas, mas também complementares de sua própria tragédia interior.

(MORIN, 2014, p. 54)

Portanto, contrariando o pensamento europeu que se baseava principalmente na oposição entre razão e fé, teologia e filosofia, Pascal adverte, assim como São Tomás de Aquino (1225—1274), que entre essas dimensões de conhecimento, não pode haver contradição, uma vez que são complementares. Portanto, a existência de uma não elimina a

² A maioria dos textos que constituem *Os Pensamentos* de Pascal pertence a um projeto de obra da qual é incerto que seu autor tenha tido tempo de fixar definitivamente o título, a forma e o plano; para simplificar, sigamos a tradição e chamemos a obra de “Apologia da Religião Cristã”. Esta apologia teria sido mais extensa do que o projeto submetido ao Sr. De Sacy, mas seria endereçada ao mesmo público: “o malogro da filosofia no reconhecimento do homem e a busca do soberano bem permanece aqui um argumento de choque [...] Pascal parece ter considerado primeiramente, uma série de cartas ao jeito das provinciais [...] E, a seguir, fazer procurá-lo junto dos filósofos pirrônicos e dogmáticos que vão preparar quem o busca” (GOUHIER, 2005, p. 224).

outra. Ambas são dimensões epistemológicas da condição humana conciliáveis, embora a razão e a filosofia estejam hierarquicamente subordinadas à fé e à teologia.

Estudos pascalianos sobre o divertimento apontam que sua origem pode ser encontrada em dois filósofos especificamente: Montaigne (escritor, político e filósofo cético francês do século XVI) e Santo Agostinho (teólogo e filósofo argelino nascido no dia 13 de novembro de 354 d. C., em Tagaste, e falecido em 28 de agosto de 430 d. C., em Hipona, Argélia). Porém, Pascal reinventa esse termo atribuindo ao mesmo características explicitamente pascalianas. Segundo ele, o divertimento é considerado como a proliferação da atividade humana: caça, guerra, negócio e barulho, entretanto, nota-se que não há nenhuma medida comum entre o objeto e o entusiasmo. Portanto, se há um conceito que Blaise Pascal reinventou de forma original é o do divertimento. Pascal se referirá ao divertimento não segundo o modo habitual dos seus contemporâneos que limitaram a incluí-lo em suas preocupações como o bom ou o mau uso dos prazeres mundanos. O homem se esforça para fugir de sua condição através do divertimento, o que significa que ele se deixa ser arrastado pelo movimento perpétuo do desejo e da concupiscência (*ennui, inquietude, inconstância*).

O divertimento pascaliano é marcado por uma dupla impossibilidade: a impossibilidade de fugir do divertimento e a impossibilidade de ser feliz pelo divertimento. Ela serve para tornar o homem feliz por fazê-lo esquecer de sua miséria natural. Entretanto, é impossível ao homem levar uma vida imersa no divertimento, uma vez que o tédio e a angústia o espreitam a toda hora. Por isso, falar sobre o divertimento pascaliano é, antes de mais nada, reconhecer a impossibilidade de passar pela vida sem que tenhamos momentos de diversão. Segundo Pascal, essa é uma das marcas da nossa terrível situação, ou seja, a de não nos sentirmos satisfeitos ou felizes com a solidão de um quarto, quando o mundo lá fora nos atrai com milhões de possibilidades de entretenimento como forma de nos arrancar da terrível situação que é o repouso absoluto. Ninguém resiste ao repouso absoluto, porém, ninguém consegue viver uma vida absolutamente imersa no divertimento. É por isso que se torna interessante falar sobre esse tema, já que, no mundo atual, a única coisa que mais importa é divertir-se. Mas divertir-se para quê? Em que medida? Quando, onde, como e com o que podemos nos divertir? Não temos respostas definitivas, nem é nosso objetivo, mas, Pascal nos oferece pistas para nossa reflexão.

1. Desejo e divertimento como fuga de si mesmo

O termo “divertimento” é de origem latina e apareceu na Europa no final do século XV. Aos poucos, ele se juntou com a ideia de prazer e de lazer. O filósofo francês Blaise Pascal no século XVII desenvolve uma abordagem original sob o tema “divertimento” em vários fragmentos que seriam publicados em 1670 em sua obra “Pensamentos”. Diferente dos seus antecessores, Pascal interpreta o divertimento como sendo uma estratégia para mitigar a insustentabilidade da condição insuficiente do homem, quando obrigado a enfrentar suas múltiplas fragilidades existenciais, por isso, o homem diverte-se continuamente para mascarar suas misérias.

Entretanto, o tema adquire uma expressão própria no contexto de Port-Royal, no qual o texto pascaliano é modificado, tendo em vista a sua posterior publicação. Segundo Ramirez (2013, p. 82), “estudar tais mudanças é algo essencial tendo em conta que, durante mais de dois séculos, os textos sobre a diversão nos *Pensamentos* referidos pelos críticos e estudiosos da obra pascaliana, são aqueles que nasceram do comitê Editorial de Port-Royal”.

São vários fragmentos dispersos nos *Pensamentos* que nos dão a dimensão da importância desse tema, pois, na situação trágica em que o homem se encontra, o divertimento figura-se como uma saída para suas múltiplas misérias existenciais. Ben Rogers afirma em sua obra *Pascal* que

o oitavo maço das *Pensées*, cujo título é *divertissement* contém o esboço de um dossiê acusativo de teor filosófico convencional contra a futilidade da busca popular pela felicidade.³ Enquanto uma felicidade plena e tranquila argumentavam os filósofos, é encontrada somente na calma confiança em si mesmo, a maioria das pessoas comuns devotam-se à febril busca de prazeres mundanos, frívolos e passageiros.

(ROGERS, 2001, p. 57)

Por isso, torna-se importante realçar a reflexão de Pascal na *liasse VIII* — denominada *divertissement* —, sustentando a tese de que o divertimento é uma forma de

³ De acordo Couprie (2008, p. 80), a etimologia latina, *le divertissement* (“o divertimento”) pascaliano significa o ato de “afastar-se”. Ele sugere um afastamento, mas de quê? E como é que nos divertimos? Para quais efeitos e quais resultados? O Divertimento é uma amnésia voluntária, que nos evita de ter que pensar no essencial, ou seja, na condição humana. Nesse âmbito, segundo Rogers (2001, p. 37), o conceito pascaliano de *divertissement* é central em sua obra; no séc. XVIII tem, além do sentido evidente de “divertimento” e “lazer”, o sentido de “desvio estratégico-militar”. Pascal seguramente o utiliza nesses três sentidos, pois, para ele, o *divertissement* significa que pelo lazer desvia-se, divertindo-se estrategicamente do *ennui*, ou seja, da angústia, do desespero, do tédio e do aborrecimento que seria a condição essencial da alma.

manifestação das misérias humanas como fuga de si mesmo depois da queda.⁴ Se o homem fosse feliz, como afirma Pascal, não buscaria a agitação e o divertimento para se alegrar, uma vez que, o homem está sujeito a ser perturbado por mil acidentes que fazem as aflições inevitáveis na sua atual condição.

Apesar de o divertimento pascaliano ter como função primordial a busca incessante pela felicidade, esta dificilmente será atingida, pois o tédio nos espreita a cada instante de nossas vidas. Em Pascal, a procura da felicidade pelo divertimento está condenada ao fracasso, uma vez que tudo o que desvia o homem de contemplar sua verdadeira natureza está condenado ao fracasso. Acredita-se que os estudos sobre o desejo e divertimento iluminam a partir da problemática do *delactatio*, vista na teologia da graça, assim como o tema da gratuidade e da insuficiência concupiscente. A alma na deriva do *divertissement* é a imagem interna de uma mecânica que desenha a escravidão e a concupiscência.

Foi referido anteriormente que os estudos pascalianos sobre o divertimento apontam que sua origem pode ser encontrada em Montaigne e Santo Agostinho. No primeiro caso, essa tese é reforçada, pois, segundo Mesnard (1993, p. 220), “Pascal descobriu a ideia original de entretenimento nos *Ensaio*s de Montaigne”. Portanto,

o ponto de partida da reflexão pascaliana se encontra em Montaigne, *Ensaio*s, III, 4, *De la diversion*. Por outro lado, esse tema tem fortes raízes agostinianas, mas adquire uma expressão própria no contexto da primeira edição dos Pensamentos levada a cabo em Port-Royal, onde é alterado o texto pascaliano. Por mais de dois séculos os textos sobre diversão, nos Pensamentos que são referidos pelos críticos e estudiosos da obra pascaliana, são aqueles que nasceram das intervenções do comitê editorial de Port-Royal

(RAMIREZ, 2013, p. 44)

Para alguns estudiosos, o divertimento pascaliano tem uma dupla origem. A primeira deriva de Montaigne, que pretendia desviar as mentes dos males que sofremos, mas também é inspirado pela ideia agostiniana de que o homem é capaz de remover seus pensamentos de seu fim último, Deus. Porém, Pascal acrescenta sua própria marca pela forma como o desenvolvimento dialético gradualmente revela o significado oculto. O

⁴ Segundo Ramirez, “entre os trinta e dois capítulos que compõe a obra, os Pensamentos sobre a diversão se enquadram no centro da seção “miséria do homem”, que dá título ao parágrafo vigésimo sexto da edição da edição de Port-Royal. Um conglomerado de fragmentos forja uma pretendida reflexão unitária sobre a situação miserável do ser humano. Tal acumulação de textos, colocados no final da especulação sobre a debilidade e a vaidade humana, serve como coroamento desta” (RAMIREZ, 2013, p. 82).

divertimento é considerado como a proliferação da atividade humana: caça, guerra, negócio e barulho. Entretanto, nota-se que não há nenhuma medida comum entre o objeto e o entusiasmo.

Daí vem que o jogo e o entretenimento com as mulheres, a guerra, os grandes empregos sejam tão procurados. Não é que neles haja realmente felicidade, nem que imaginemos que a verdadeira beatitude consista em se ter o dinheiro que se pode ganhar no jogo, ou na lebre que se persegue; não se quereria nada disso se fosse dado de mão beijada. Não é este o uso mole e sossegado que nos deixa pensar em nossa infeliz condição que se busca, nem os perigos da guerra, nem o trabalho dos empregos, mas sim a lufa-lufa que nos desvia de pensar nela e nos diverte. Razão pela qual se gosta mais da caçada do que da presa.

(PASCAL, 2005, p. 136. Laf. 136; Bru. 139)

Segundo o relato de Jean Mesnard (1992, p. 67-73), “a palavra divertimento no sentido de ação, é pouco utilizada no século XVII”. Por isso, Pascal resgata o termo de Montaigne para designar o desvio de atenção, especialmente o sofrimento e a perspectiva da morte. Ou seja, o homem aliena-se da sua verdadeira condição insustentável através do divertimento, como forma de mitigar suas misérias existenciais, uma vez que homem algum resiste ao repouso absoluto. Assim, continuamos nossa reflexão citando Lebrun (1983, p. 15), que coloca a seguinte questão: “quem é que não ouviu falar ou não fala do divertimento pascaliano?”. Ele mesmo responde e afirma que

neste vale de lágrimas é impossível ao homem permanecer em repouso: ele meditaria, nesse caso, sobre a infelicidade de sua condição e a morte que o espreita, e esse pensamento é tão insuportável que lhe é necessário fugir-lhe e lançar-se à caça, no *business*, à guerra, ao amor [...] Todo o divertimento é preferível ao repouso

(LEBRUN, 1983, p. 15)

A procura do bem-estar e da felicidade sempre foi um desafio do homem, uma vez que o mergulho solitário na interioridade revelaria ao homem sua capacidade de reconhecer suas múltiplas misérias. Por isso, o repouso para o homem seria uma espécie de tormento, pois é nessa situação que o homem se depara com o seu vazio interior. Pedir ao homem que viva em repouso é a mesma coisa que condená-lo a levar uma vida de insatisfação e de infelicidade, pois, segundo nosso autor, a felicidade está no tumulto, no barulho, na agitação.

Se há um conceito que Blaise Pascal reinventou de forma original é o do divertimento. Pascal lhe confere um significado profundo: o conjunto de estratégias que permite ao homem desviar da consciência de sua miséria.⁵ Carraud (2006, p. 309) também defende essa ideia e afirma: “a propósito do fragmento ‘Laf. 136; Bru. 139’ — Divertimento — fala-se de uma ‘análise completamente original de Pascal’, que não pode mais ser entendida dentro da problemática binária das contrariedades”.⁶ Já para Ramirez (2013, p. 25), a concepção que Pascal tem sobre a diversão, que brota dos fragmentos de *Pensamentos* sobre este argumento, manifesta uma originalidade tal que, desde o primeiro momento, toda a reflexão que se ocupe do divertimento tem por força que ecoam nas palavras de Claromontano, reconhecendo seu próprio sentido: *el sentido pascaliano Del término* (PUZIN apud RAMIREZ, 2013, p. 25).

O homem é miserável, efeito de sua natureza corrupta, porque ela está privada de Deus, o único capaz de salvá-lo. Para suportar isso, ele não tem outra alternativa a não ser se divertir o máximo possível, para fugir de contemplar sua verdadeira natureza. Segundo Rogers (2001, p. 57), “o principal erro dos homens reside na sua falha em levar em conta a completa miséria da condição humana e, portanto, em perceber a infelicidade e a inquietude que uma autorreflexão necessariamente causa”. Assim, para o nosso filósofo, a diversão que nos consola das nossas misérias é a maior delas, uma vez que nos impede de pensar em nós mesmos, ou seja, de contemplar a nossa verdadeira condição insustentável. Sem a diversão, o homem cai no tédio, mas a diversão nos entretém e nos faz chegar insensivelmente à morte.

⁵ Segundo Luiz Felipe Pondé, “quando Pascal pensou nisso, ele estava pensando que a alma é meio vazia e nunca está satisfeita com o que ela tem, por isso, o homem, está sempre atrás de mecanismos de divertimento. De lá para cá (sec. XVII ao sec. XXI) a sociedade evoluiu nessa coisa do divertimento, aliás, Pascal falou que o futuro ia ser dominado pelo lazer, barulho e juventude, ou seja, ele acertou em cheio. Todo o lugar tem que ter barulho, todo mundo tem que estar feliz [...] A sociedade contemporânea está obcecada pela ideia de que tudo tem que ser visível para que se tenha a existência de um segundo na vida dos outros.” Entretanto essa vida vazia leva a outro estado de espírito que Pascal chama de tédio”. Assim como Pascal, Pondé acha que “todo o investimento na indústria do divertimento está a serviço de uma enorme ignorância pessoal, ou seja, uma enorme ignorância da condição humana. Essas técnicas de divertimento acabam sendo como um tiro que sai pela culatra, porque duram e funcionam por pouco tempo. Entre uma terapia que ensina a ser feliz em dez passos e uma terapia que ensina você a se conhecer, mesmo sofrendo com isso, continuo preferindo a opção clássica. É melhor uma vida onde não se está obcecado pela felicidade o tempo inteiro que não se acredite em fórmulas, porque no final das contas a felicidade é uma coisa que acontece quando se está ocupado pensando em outra coisa. Quando se está o tempo inteiro programando para a felicidade tudo o que se consegue é ficar com cara de bobo” (PONDÉ, Luiz Felipe. *Tédio, divertimento e o vazio*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2VCgduVeF-0>>, publicado em 21 de agosto de 2014. Acesso em 06/07/2016.

⁶ CARRAUD. *Pascal et la philosophie*. 1992 p. 229; ver também p. 97 e 226 apud CARRAUD, 2006, p. 309.

Não há como negar que o divertimento na ótica pascaliana funciona como um antídoto para as nossas misérias, pois todos os homens procuram a felicidade pelo divertimento, mas ele não nos impede nem do tédio nem da morte. De acordo com Pascal (2006, p. 98), “o homem é um ser de desejo que tende a ver nos objetos o motivo de satisfação. A problemática do desejo e do divertimento está ligada a natureza corrompida depois da queda⁷, onde o desejo se reorienta para si mesmo e para os objetos finitos”. Ou seja, o amor infinito que antes era direcionado para Deus não é mais possível, tendo em conta que perdeu todo e qualquer tipo de vínculo com o Criador e passou a amar única e exclusivamente a si mesmo. Pascal nos mostra que:

A natureza do amor-próprio é desse eu humano é não amar se não a si e não considerar se não a si. A que pode levar? Não impedirá que esse objeto que ama não esteja cheio de defeitos e misérias: quer ser grande e se vê pequeno; quer ser feliz e se vê miserável; quer ser perfeito e se vê cheio de imperfeições; quer ser objeto de amor e de estima dos homens e vê que seus defeitos só merecem deles aversão e desprezo. Esse embaraço em que se acha produz nele a mais injusta e criminosa paixão que se possa imaginar (PASCAL, 1975, p. 75)

De fato, a concepção sobre o divertimento está presente ao longo da história da filosofia, mas adquiriu na obra de Pascal uma “forma canônica”. O divertimento se converte desta maneira em um argumento ontológico. Pascal se referirá ao divertimento não segundo o modo habitual dos seus contemporâneos que limitaram a incluí-lo em suas preocupações como o bom ou o mau uso dos prazeres mundanos. Para Pascal, ao contrário, o divertimento está enraizado na natureza do ser humano, onde se manifesta como uma expressão do pensamento do tédio existencial. Aqui reside a novidade pascaliana, para ele, o divertimento se erige como imagem da contradição humana (RAMIREZ, 2013, p. 25).

Para Franklin Leopoldo e Silva (2015, p. 11),

a razão e a vontade procuram fugir das posições irredutíveis, o homem evita contemplar o caráter trágico de sua existência. Para isso elabora toda série de condutas desviantes, o *divertissement*, noção exaustivamente tematizada por Pascal. As convenções sociais, o apego aos bens materiais,

⁷ De acordo com Kierkegaard (2010, p. 42), uma explicação psicológica da queda, desenvolvida como correção e clareza, encontra-se na *Exposição do conceito paulino de doutrina* de Leonhard Usteri (1799-1833, teólogo e pedagogo protestante suíço, discípulo de Schleiermacher publicada originalmente em Zurique em 1824). A exposição de Usteri tende a demonstrar que foi justamente a proibição de não comer da árvore da ciência o que fez nascer o pecado em Adão.

às honrarias de toda ordem, o lugar que ocupa na hierarquia da sociedade, o juízo dos outros, mesmo a ciência e a filosofia são artifícios que o ser humano inventa para não estar verdadeiramente consigo mesmo [...] A causa desse empenho tão grande em viver fora de si é a condição de miserabilidade, de que tomamos consciência quando nos voltamos para nós mesmo e percebemos que a integridade possível do nosso ser depende menos de nós mesmos do que a identidade que nossa alma pode encontrar em Deus se entregar inteiramente a Ele

(SILVA, 2015, p. 11)

Nesse sentido, o grande perigo, representado insaciável pelo desejo e pelo divertimento a qualquer preço, está no homem desde a sua tenra idade, ou seja, os homens são sobrecarregados desde cedo com cuidados de honras, de bens materiais, de bem-estar pessoal e dos amigos, pois, a ditadura da felicidade nos mostra que é preciso divertir-se o tempo todo, e a falta de uma única coisa os tornará infelizes. Ou seja, “[o] coração do homem é oco e está cheio de lixo” (PASCAL, 2005, p. 56,57. Laf. 139; Bru. 143).

O conceito de divertimento não deve ser entendido, em Pascal, no sentido moderno de diversão ou atividade divertida.⁸ No século XVII, a palavra tinha muitas vezes o sentido de desvio, mas, para Pascal, a palavra tem um sentido técnico, assim, o divertimento desvia a mente de ver coisas dolorosas impostas pelo espetáculo da condição humana, sujeita à doença e à morte. Em *Pensamentos*, o conceito de divertimento pode tomar duas direções. Na verdade, por trás da definição de Pascal como uma manobra para desviar o pensamento da nossa mortalidade, também podemos nos aventurar a adivinhar uma visão do divertimento como uma condição essencial do homem que impede o acesso ao momento e à eternidade.

O homem se esforça para fugir de sua condição através do divertimento, o que significa que ele deixa ser arrastado pelo movimento perpétuo do desejo e da concupiscência (*ennui, inquietude, inconstância*). Pascal designa o divertimento como todas as atividades que nos impedem de pensar em nós mesmos. Sem o divertimento, o homem seria sobrecarregado pelo medo da morte, não tendo um momento de descanso e felicidade. No sentido pascaliano, o divertimento é analisado de forma negativa, uma vez que ela simplesmente nos impede de ver a realidade. Segundo ele: “não tendo os homens podido curar a morte, a miséria, a ignorância, resolveram para ficar felizes, não mais pensar nisso” (PASCAL, 2005, p. 50. Laf. 133; Bru. 169).

⁸ Ver, sobre a evolução geral da palavra durante o século XVII, François Bluche (ed.), *Dicionário do grande século*, seção *Entretenimento*, p. 484-485.

Apesar de o homem se reconhecer como um ser mísero e insuficiente, ele quer ser feliz. Mas o que fará para isso? Seria preciso que ele se tornasse imortal, mas, não podendo, resolveu evitar pensar nisso e tentar ser feliz mesmo assim. Todos os homens, independentemente da sua posição social, origem, raça, procuram a felicidade. No entanto, essa procura tem sido feita de forma egoísta e soberba, tendo em conta que o coração humano foi tomado pelas rédeas da concupiscência desde o marco inicial da sua decadência. Segundo Pascal (2005, P. 90. Laf. 211; Bru. 453), “foram fundamentadas e tiradas da concupiscência regras admiráveis de política, de moral e justiça”, de modo que a ordem civil pode ser denominada de “ordem da concupiscência”, ou seja, uma ordem produzida e regulada pela concupiscência. Não podendo repousar em si mesmo, ele se esforça para tornar a reflexão sobre sua condição: o divertimento permite “não pensar” em si mesmo.

O único bem dos homens consiste, pois, em divertir; o pensamento de sua condição, ou por uma ocupação que dele o desvie, ou por alguma paixão agradável e nova que o ocupe, ou pelo jogo, a caça, algum espetáculo atraente e finalmente por aquilo a que se chama divertimento. Daí vem o jogo e o entretenimento com mulheres, a guerra, os grandes empregos sejam tão procurados. Não é que neles haja realmente felicidade, nem que imaginemos que a verdadeira beatitude consiste em se ter dinheiro que se pode gastar no jogo, ou na lebre que se persegue

(PASCAL, 2005, p. 51. Laf. 136; Bru. 139.)

Como vimos anteriormente, o divertimento é marcado por uma dupla impossibilidade, ou seja, ela é uma atividade humana insustentável. Assim também, o repouso absoluto é uma das piores formas de existência, pois nos leva ao tédio e à angústia. Naturalmente conclui-se que o divertimento é efêmero e fútil diante das grandes questões existenciais, porque nos leva a aflições inevitáveis. Por outro lado, é impossível permanecer em repouso absoluto em um quarto ou ficar no tempo presente. Tanto um quanto o outro é inerente à condição humana e à procura de nós mesmos, que faz com que a tensão seja perpétua, ou seja, vivemos oscilando entre o divertimento e o repouso sem saber em que lado está o verdadeiro sentido da existência.

Assim, os homens que sentem naturalmente a sua condição não evitam nada tanto quanto evitam o repouso; não há que não façam para buscar a agitação [...] O seu erro está na busca do tumulto. Se não o buscam senão como divertimento, mas o mal está em que eles o buscam como se a posse das coisas que buscam deve-se fazê-los verdadeiramente felizes, e é aí que

se tem razão de acusar a busca da vaidade, de maneira que, em tudo isso, tanto aqueles que recriminaram como aqueles que são recriminados não ouvem a verdadeira natureza do homem.

(PASCAL, 2005, p. 52. Laf. 136; Bru.139.)

O divertimento é praticado seriamente, se podemos dizê-lo, e os homens creem sinceramente procurar a presa e não a caça, o repouso e não a agitação, mas eles não se conhecem. O homem resulta de um “projeto confuso” que ele tem de “tender ao repouso pela imaginação”. Assim, “o desejo é a verdadeira marca da nossa natureza corrompida e a vontade que nos leva a procurar as atividades irracionais da diversão, que, no entanto, encontra a sua razão de ser” (PASCAL, 2006, p. 99). Até a política está inscrita sob o signo do desejo e do divertimento.

O desejo é o motor das ações humanas e das relações entre os homens, tanto para Pascal assim como para Thomas Hobbes (1588–1679) ou Baruch Spinoza (1632–1677). Mais precisamente, é a concupiscência que liga o homem à esfera política. Desse ponto de vista, Pascal prolonga a análise proposta por Santo Agostinho na *Cidade Terrestre*. O desejo constitui um verdadeiro *link* que leva a suscitar que os grandes são os possuidores dos objetos da concupiscência (PASCAL, 2006, pp. 99, 100). Segundo Pascal, até os grandes procuram a felicidade pelo divertimento, por isso, vivem cercados de pessoas e de bens, cuja finalidade é proporcionar-lhes o máximo de diversão, desviando-os de pensar em si mesmos, ou seja, de contemplar sua verdadeira condição. Para Pascal (2006, p. 100), “um rei sem divertimento, sem as ocupações próprias dessa ordem que preencha sua condição, não é mais do que um homem miserável”.

Independentemente de quem somos ou do que fazemos, a natureza nos torna infelizes em qualquer estado, por isso precisamos divertir a nós mesmos e aos outros. Além disso, o amor e a estima dos outros são marcas da necessidade inerentes da nossa condição insuficiente. Neste aspecto, Pascal (2006, p. 101) afirma que “o desejo de estima, é inerente à condição humana e, no quadro da natureza corrompida, assume forma de um desejo de reconhecimento das qualidades materiais, sociais e espirituais”⁹. Nesse aspecto, considera-se que o desejo de ser considerado engendra uma alienação do homem às coisas exteriores e às opiniões dos outros, como nos mostra duas citações em *Pensées*. Primeiro: “temos uma

⁹ Pascal considera a estima nos ‘Três discursos sobre a condição dos grandes’ como uma marca exterior de submissão a uma grandeza superior na ordem social. A estima tem o sentido mais geral de consideração. Quando se trata da “condição” do homem, a avaliação da grandeza do homem é dupla porque está ligada à sua miséria (PASCAL, 2006, p. 101).

grande ideia tão elevada da alma do homem que não podemos tolerar ser desprezados” (PASCAL, 2005, p. 156. Laf. 411; Bru. 400)¹⁰; segundo: “qualquer que seja qualquer posse que ele tenha sobre a terra, qualquer que seja a saúde e comodidade essencial que tenha, não fica satisfeito se não tiver a estima dos homens” (PASCAL, 2005, p. 194. Laf. 470; Bru. 404).

Assim, por mais riqueza, posse e saúde que o homem consiga, ele nunca estará satisfeito, pois nossa insatisfação é transcendental, ou seja, estamos à procura de algo que perdemos, mas não sabemos como alcançá-lo, pois a situação do homem é de cegueira. Em virtude dessa insuficiência, o homem não fica satisfeito se não tiver a estima e o amor dos outros. Isso fica evidente através da simples observação empírica do comportamento humano. Naturalmente, o homem sempre desejou e continua desejando a estima e o amor dos outros, mas a fragilidade das relações humanas que emerge da concupiscência devora qualquer tentativa de relação mais duradora entre os homens, uma vez que, segundo Pondé (2001, p. 226), “a concupiscência é incapaz de amor verdadeiro entendido como *Cáritas*”.

Na pedagogia e na política, a natureza humana inviabiliza uma ordem social psicológica que não é sustentada em regras contingentes, legitimadas pelo costume, reflexo da necessidade de enfrentar a concupiscência. O homem prefere buscar esse ser insistentemente no campo da gratuidade da imaginação, mas que tem pelo menos a precária consistência dela por valores imaginários. Segundo Pondé (2001, p. 231), a imaginação como faculdade enganadora do homem é também na psicologia uma instância produtora de subjetividade. O homem sempre escolhe o ser imaginário. Ou seja, o imaginário é uma distorção involuntária do vivido que se cristaliza como marca individual em cada ser humano.

Essa necessidade humana é uma das marcas que apontam para a inviabilidade como conjunto social. A concupiscência inviabiliza toda a tentativa de estabelecer um sistema consistente. Nesse sentido, dois fragmentos especialmente elucidam esse problema. Primeiramente, “a natureza do amor-próprio é desse eu humano é a de não amar se não a si e não considerar se não a si” (PASCAL, 2005, p. 422. Laf. 978; Bru. 100); segundo: “porque tudo tende para si; isso é contra toda a ordem. É preciso tender para o geral, e a inclinação

¹⁰ Para Pondé, “a importância desse fragmento está no fato de que Pascal utilizar a palavra *felicité* que principalmente no séc. XVII francês do jansenismo de Saint-Cyran e da espiritualidade salesiana, entre outros autores, tem uma conotação de felicidade como beatitude, isto é, em que o caráter espiritual da condição prazerosa é mais importante que o corporal ou sensitivo” (PONDÉ, 2001, p. 226).

para si é o começo de toda a desordem, em guerra, em sociedade, em economia, no corpo particular do homem. A vontade é, portanto, depravada” (PASCAL, 2005, p. 163. Laf. 421; Bru. 477). Pondé enfatiza que

aqui é o objeto da psicologia que dissolve o projeto social. Todavia o conceito de ‘tendência a si mesmo’, é uma espécie de egoísmo, não é em Pascal uma simples constatação moralista ou psicológica, é ontológica — terceira ordem escrava da concupiscência gera uma vontade orgulhosa voltada para si, e é representativa da insuficiência humana enquanto incapacidade de transcender uma dinâmica do prazer do ser desejado

(PONDÉ, 2001, p. 233)

Do ponto de vista teológico, o divertimento não pode ser visto apenas como uma forma de diversão, mas como aversão. O divertimento não é apenas uma maneira de desviar os olhos da miséria e da morte, é também e sobretudo uma forma menor de *aversio mentis a Deo*. Numa perspectiva mais abrangente, Pascal observou que a origem dessa agitação está na infelicidade natural e na finitude humana. Essa condição é tão miserável que nada pode o homem fazer quando pensa sobre isso. Esta hipótese pode ser confirmada através de uma série de experiências com base na observação da realidade social da condição humana e da vida cotidiana, onde os efeitos do divertimento são visíveis e reais.

O divertimento serve para tornar o homem feliz por fazê-lo esquecer de sua miséria natural. Entretanto, é impossível ao homem levar uma vida imersa no divertimento, uma vez que o “tédio”¹¹ e a angústia o espreitam a toda hora. Conforme Heidegger (2009, p. 343), a angústia, é a disposição que permite que se mantenha aberta a ameaça absoluta e insistente de si mesma, que emerge do ser mais próprio e singular da presença. Ou seja, na angústia, a presença dispõe-se frente à impossibilidade da existência. Ela se angustia pelo poder-ser daquele ente determinado, abrindo-lhe a possibilidade mais extrema.

A angústia no sentido pascaliano permite apreender a diferença entre a falta do objeto de satisfação e o vazio interior que se manifesta pela fala de alguém ou de alguma coisa que preencha seu vazio existencial e o livre do tédio e da angústia. Para Clément Rosset (1989, p. 33, 34),

¹¹ O tédio segundo Pondé, “é aquele fantasma que fica atrás da porta o tempo todo. É muito difícil desviar desse sentimento de abandono ou o sentimento de que o tempo foi passando e o homem vai perdendo a capacidade de sedução, as pessoas já não se interessam por ele, ou mesmo depois de certa idade, que se não acontece a vida, provavelmente não acontecerá mais, então, é normal que no final o homem procure o divertimento” (PONDÉ. *Tédio, divertimento e o vazio*. 2014).

o resultado do divertimento é interditar ao homem servir-se daquilo que ele sabe. Pascal não pretende nunca revelar um trágico pretensamente oculto, como entenderam Voltaire e Paul Valéry: mas tornar disponível à consciência e à fala um conteúdo terrível relegado, não no inconsciente, mas no interdito (nesse sentido Pascal é, ele também, um dos precursores mais diretos da psicanálise). O objeto dos Pensamentos é tornar o homem capaz de utilizar o saber trágico do qual ele dispõe virtualmente. Alvo paralelo à intenção presente em todos os pensadores trágicos: Lucrécio, Montaigne quiseram devolver ao homem a disponibilidade de um saber trágico que ele, talvez demasiado pouco confiante em suas capacidades digestivas, tinha demasiado precipitadamente dissimulado e ocultado. Um tal alvo se manifesta igualmente, de maneira mais explícita ainda, em toda a obra de Nietzsche

(ROSSET, 1989, p. 33, 34)

A hipótese explicativa do mito da queda do homem é, na visão pascaliana, a única justificativa possível para todas as insuficiências da condição humana, uma vez que ele se afastou de sua condição de pureza ontológica vivida no estado da primeira natureza para o estado de segunda natureza, onde impera a concupiscência e a corrupção da natureza humana. Concordamos com Reale (2005, p. 179), ao afirmar que

o homem, portanto, e uma criatura que caiu de seu posto sem poder reencontrá-lo, procurando-o por todo lugar com inquietude e sem êxito: não podendo curar a morte e a miséria, o homem decidiu não pensar nisso para tornar-se feliz, e escolheu o divertimento. O divertimento é fuga diante da visão lúcida da miséria humana, é aturdimento que faz divagar e chegar inadvertidamente a morte: o divertimento é fuga de nós mesmos, da nossa miséria, mas é a nossa máxima miséria, porque nos proíbe de olhar para dentro de nós mesmos e pensar. Apenas o pensamento leva a verdade essencial, motivo pelo qual o homem é constitutivamente indigente e mísero: e é sobre a base desse reconhecimento que Pascal constrói sua apologia do cristianismo

(REALE, 2005, p. 179)

O divertimento não passa de uma fuga diante do verdadeiro problema da existência: o de ver a pessoa, encontrar-se consigo mesmo e aceitar a própria condição. Fuga da realidade, desejo de chegar ao coração e, portanto, chegar ao centro da fé, insistência que somente a partir da graça é que se pode perceber o vazio existencial em que se vive são todas temáticas para Pascal, que se revela não só um profundo conhecedor de Agostinho, mas sobretudo seu fiel discípulo (FISICHELLA, 2006, p. 114).

Considerações finais

De acordo com a nossa leitura, Pascal deixa bem claro, na sua exposição sobre o desejo e o divertimento, que é na agitação diária e tumultuosa que os homens buscam a felicidade e a satisfação transitória das suas paixões como antídoto para disfarçar suas misérias existenciais e sua infelicidade. Nesse sentido, o desejo e, principalmente, o divertimento pascaliano possui um sentido negativo. Ela é apenas a maneira que o homem distrai de si mesmo e que o impede de ver a realidade. Pascal afirma em um dos fragmentos dos *Pensamentos* que “os homens não foram capazes de curar a morte, a miséria e ignorância, então eles foram aconselhados a se divertirem para serem felizes”. Ele resume todas as atividades humanas sob o conceito de diversão. Toda a nossa vida torna-se uma fuga da vida, que, sem Deus, é fundamentalmente entediante. Não é à toa que Pascal afirma em um dos seus fragmentos que “toda a infelicidade dos homens tem apenas uma origem: não saber ficar tranquilos em um quarto” (PASCAL, 2005, p. 50. Laf, 136; Bru, 139).

A procura do prazer tornou-se uma constante, entretanto, ele não está no objeto do prazer e sim no processo. Para Pascal, o homem aliena-se no movimento, ou seja, no processo e não no objeto, uma vez que, após ter conquistado o objeto de desejo, ele cai no tédio e se angustia. O homem que sai para a caça encontra o prazer no ato e não na presa em si. O homem se diverte muito mais correndo atrás de uma presa do que propriamente a caça. Isso tudo leva o homem a pensar em coisas sem valor real, mas o divertimento alegrar-nos e nos leva insensivelmente à morte. Ela pode ser preferível à miséria da vida, porque pode criar uma ilusão de felicidade, pelo menos por algum tempo.

Para Pascal, a única coisa que nos consola das nossas misérias existenciais é o divertimento, e, no entanto, ela é a maior das nossas misérias. É isso que nos impede principalmente de pensar em nós mesmos. O ser humano não consegue viver sem se divertir. Qualquer um que tente ficaria desgostoso, ou seja, cairia no tédio e nos levaria a procurar um modo sólido de sair dele. É por isso que Pascal designa o divertimento como sendo todas as atividades que visam evitar o tédio, o vazio, o negrume da alma que nos impede de refletir sobre nós mesmos. Ele considera “atividade de diversão” atividades tais como: caça, jogos de azar, dança como entretenimento, bem como todas as atividades consideradas como “sérias”, tais como: guerra, política ou de investigação científica. Nesse sentido, podemos concluir que o homem sem atividade de diversão seria sobrecarregado

especialmente pelo medo da morte, do desconhecido, do atroz, e não aproveitaria um momento de felicidade e descanso.

Pascal apresenta o exemplo de um rei (século XVII) que ocupa o melhor emprego do mundo, ou seja, “ser rei”, e por isso, ele pode obter toda a satisfação e a felicidade, já que ele possui todas as condições para ser feliz. Ele está sempre cercado por pessoas para o entreter de modo a não parar para pensar em si mesmo, porque, se ele se vir sozinho consigo mesmo, ele se tornará um rei infeliz. Mas o que dizer do homem comum das nossas cidades em pleno século XXI? Atualmente, a diversão desenfreada, a curtição intensa sem se preocupar com gastos ou responsabilidades, viver na doce ilusão da curtição sem querer voltar para a dura realidade, não desmente o que Pascal havia dito há mais de três séculos. Hoje podemos afirmar categoricamente que vivemos uma “ditadura” da felicidade. É desse impulso do efêmero que carrega a possibilidade de emergir aquilo que escapa à reflexão, deixando aparecer algo que não existe. Sem diversão, nasce o tédio no coração do homem. A tentativa de escapar do tédio através das diversões é sinônimo de uma fuga da realidade, uma fuga do nada inerente a cada ser humano.

Não temos dúvidas que todos buscam a felicidade, a liberdade. Muitos acreditam que liberdade é a busca desenfreada por prazer e diversão. Assim, nós nos tornamos escravos dos nossos desejos. De modo geral, nós todos sofremos com essas angústias, medos, inseguranças, tristezas, mágoas e dúvidas. Foi dito que a tecnologia ajudaria o homem a superar muitas barreiras, no entanto, todos nós continuamos sofrendo com os mesmos problemas existenciais. Infelizmente, a massa, em busca de distração e diversão fácil para fugir do tédio opressor, encontra refúgio agradável no consumo oferecido pela mídia e pelo discurso publicitário através de ofertas de felicidade ao alcance de todos e a um clique de distância. Desta forma, concordamos com Pascal, que afirma que “o único bem dos homens consiste, pois, em divertir” (PASCAL, 2005, p. 51. Laf, 136; Bru, 139), ou seja, fugir de pensar em sua verdadeira condição, através de ocupações que dele o desvie, ou alguma paixão agradável, podendo ser o jogo, a caça, um espetáculo, ou tudo que possa ser conotado como divertimento.

Finalmente, acreditamos que o tema apresentado e desenvolvido de forma original pelo nosso filósofo, Blaise Pascal, emergiu de um grande número de elementos, dentre os quais não há como privilegiar uma fonte em detrimento da outra. Esse tema no ambiente

contemporâneo é de extrema importância, pois é tão pessoal e tão vivo no nosso dia-a-dia que ninguém jamais poderá negar que se divertir é uma condição para chegar à felicidade.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 1ª edição brasileira coordenada e revisada por Alfredo Bossi; revisão da tradução e tradução dos novos textos por Ivone Castilho Beneditti. 5ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CARRAUD, Vincent. Observações sobre a segunda antropologia: o pensamento como alienação. In: *Kriterion* [online], vol. 47, n. 114, 2006, p. 303-320.

COUPRIE, Alain. *Pensées, grandeur et misère de l'homme, édition posthume, 1670, Blaise Pascal*. [Texte imprimé]. 1ª vol. Paris: Hatier, DL 2008, 143 p.

FISICHELLA, Rino. *Introdução à teologia fundamental*. 1ª ed. São Paulo: Loyola, 2006.

GOUHIER, Henri Gaston. *Blaise Pascal: Conversão e apologética*. 1ª edição. Tradução de Éricka Marie Itokusa e, Homero Santiago. São Paulo: Discurso Editorial, 2005.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Petrópolis. Editora Vozes: 2009.

KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de angústia: uma simples reflexão psicológica-demonstrativo direcionado ao problema dogmático do pecado hereditário*. Tradução Álvaro Luiz Montenegro Valls. 2ª edição. Coleção Pensamento Humano. Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo, AP: Editora Universitária São Francisco, 2010.

MESNARD, Jean. *Do entretenimento de diversão na cultura do século XVII, e investigações de síntese*. Paris, Presses Universitaires de France, 1992.

_____. *Os pensamentos de Pascal*. 2ª ed. Paris: SEDES-CDU, 1993.

MORIN, Edgar. *Meus filósofos*. 2ª edição. Traduzido por Edgar de Assis Carvalho e Maria Perassi Bosco. Porto Alegre: Sulina, 2014.

PASCAL, Blaise. *Do Espírito Geométrico: Pensamentos*. Tradução de Antonio Geraldo da Silva. Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal – 61. São Paulo, SP: Editora Escala, 2006.

_____. *Do Espírito Geométrico: Pensamentos*. Tradução de Antonio Geraldo da Silva. Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal – 61. São Paulo, SP: Editora Escala, 2006.

_____. *O pensamento vivo de Pascal*. Apresentação de François Mauriac, Tradução de Sérgio Millet. São Paulo, Martins, Ed. da Universidade de São Paulo, 1975.

PONDÉ, Luís Felipe. *O Homem Insuficiente: Comentários de Antropologia Pascaliana*. 1ª edição. Ensaios de Cultura, 19. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

_____. *Tédio, divertimento e o vazio*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2VCgduVeF-0>>, publicado em 21 de agosto de 2014. Acesso em 06/07/2016.

RAMIREZ Manuel Palma, *La ambigua imaginación de la felicidad: diversión y apuesta en el corazón del pensamiento de Blaise Pascal*. Prólogo de Paul Gilbert. Gregorian & Biblical Press, Roma, Pontificio Istituto Biblico, 2013.

REALE, Giovanni. *História da filosofia: de Spinoza a Kant*. V. 4. Tradução de Ivo Stomiolo; Revisão de Zolferino Tonon. São Paulo: Paulus. 2005.

ROGERS, Bem. *Pascal: elogio do efêmero*. Tradução de Luiz Felipe Pondé. Coleção Grandes Pensadores. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

ROSSET, Clément. *Lógica do pior*. Traduzido do francês por Fernando J. Fagundes Ribeiro e Ivana Bentes. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989.